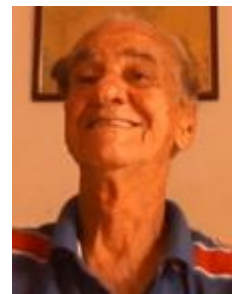


APÊNDICE J – **Entrevista com o Sr. Divaldo Pereira Portugal**
(em 08/03/2015)

Classificação: comerciante



J. (entrevistador): Bom dia seu Divaldo.

Divaldo Pereira: Bom dia.

J. (entrevistador): O senhor pode me dizer seu nome completo?

Divaldo Pereira: Divaldo Pereira Portugal, 93 anos de idade.

J. (entrevistador): Qual a sua profissão?

Divaldo Pereira: Comércio. A vida inteira trabalhei com comércio. Já trabalhei com Marinho & Santos, já trabalhei com Eurico Sarquis, já trabalhei com Antonio Caribé na casa de calçados. Comércio. Agora tô aposentado.

J: Situação Civil? É casado?

D. P: Não sou casado. Eu tenho uma companheira que moro a cinquenta e tantos anos.

J: Seu endereço?

D. P: Rua Adenil Falcão, nº 1083, bairro Brasília, Feira de Santana.

J: Se eu lhe pedisse para declarar sua cor o que o senhor diria?

D. P: Moreno. Nariz grosso. Porque eu tenho aí minha carteira de reservista. O rato roeu toda.

J: O senhor serviu o Exército?

D. P: Servi. É a carteira de reservista aqui.

J: Em que ano foi isso?

D. P: Eu era empregado de Marinho & Santos. Então fui convocado p'ra Guerra. P'ra Segunda Guerra Mundial. Então eles me dispensavam p'ra aqueles dias que eu ia tirar serviço lá, eles me dispensavam p'ra eu prestar o serviço e voltar.

J: Mas, o senhor chegou a viajar?

D. P: Não. Quando nós tavamos preparados p'ra nós todos viajar, disse, acabou a guerra. Aí todo mundo tomou booa! Aí tratou cada um de fazer suas roupas e de cada qual fazer roupas novas, aí saí do Exército.

J: Fale um pouco dos seus pais, tios, avós, bisavós.

D. P: Meu avô era um homem alto, um cidadão...o negócio dele era comprar couro, peles aí pelo sertão. Chamava-se Eloi José Pereira. Comprava couro de boi, de animais de onça, de bicho, de raposa.

J: Onde era o comércio dele?

D. P: O comércio dele era aqui na Feira. Mas eu não conheci. Porque também meu pai mudou p'ra o sul, p'ra Itabuna, ainda levamos um tempo lá, quando voltamos já ele não tava negociando mais. Só tava matando boi.

J: E quanto a seus tios?

D. P: Tios. Eu sou da família Portugal, minha mãe da família Mascarenhas. Todos filhos e residentes daqui da Feira. Natos daqui da Feira.

J: E eles todos se dedicavam ao comércio ou tinha outro tipo de atividades que eles faziam?

D. P: Cada um tinha suas atividades. O pessoal da família Mascarenhas, tinha Jorge Mascarenhas que tinha padaria. Parente de minha mãe. Por parte da minha mãe tinha aqueles homens que vende couro na rua. Que tem casa de couro. Minha mãe é da família Mascarenhas e meu pai é legítimo da família Portugal. Nato de Feira de Santana.

J: O senhor e eles estudaram?

D. P: Eles estudaram. Agora eu, só cheguei até quinta série. Quando cheguei a quinta série meu pai morreu. Eu precisei de trabalhar, então fui obrigado a largar os estudos p'ra trabalhar. P'ra poder auxiliar minha família.

J: Havia festas aqui?

D. P: Havia a festa de Santana. Era bonita e tudo. E todo ano filarmônica tocava, a Filarmônica Euterpe, Vitória, parece que era três noites de festa, festejo grande. E tinha a procissão última.

J: O senhor só se recorda da festa de Santana ou havia outros tipos de festa?

D. P: Tinha Micareta. É outra festa que tem aqui. João Bojô que é parente de Tuita Barbeiro andou no estrangeiro, disse lá existia uma festa de uns frutos que se colhiam no fim do ano e que essa festa se chamava Micareme. E aqui se fez a primeira Micareme. Depois ainda houve mais algumas com esse nome. Depois concluíram que: Micareme não pode ser o nome. Só pode ser Micareta. E essa festa, pegou vindo muita gente p'ra aqui p'ra Feira e ficou com o nome Micareta.

J: O senhor se lembra de mais alguma história que esses parentes seus contavam?

D. P: Não tinha outras histórias, não. Eu prestei atenção no velho meu avô, era que me contava que existia o Lucas da Feira, que era escravo. Então que era muito preguiçoso, apanhava muito, fugia, não sabe? E arranjà amizade com esses homens ricos que comprava gado. Agora começou assim. Existia Ana Brandôa e seu Domingos Barbosa de Araújo. Tinha uma chácara ali nos Olhos D'água que até hoje ainda tá aí. Essa chácara começou com uma feirinha. Essa feirinha, vinha o povo de São Gonçalo, vinha o povo de Muritiba, vinha o povo desse sertão todo. Essa feirinha foi crescendo, crescendo, crescendo que chegou a ponto de vim boiadas de alguns lugares. E depois cresceu tanto, que vinha boiadas de Minas Gerais, vender aqui. Então vinha gente de Sergipe comprar gado aqui, vinha tudo e que existia esse negro chamado Lucas.

J: Sim. Mas, o que Lucas aprontou?

D. P: Olhe. Lucas não é filho de Feira de Santana. É da fazenda Saco do Limão, Município de São Gonçalo. Lucas é daqueles negros que foram vendidos, veio de Salvador que tinham aqueles negros que eram vendidos, era descendente desses negros. E ele nasceu no Saco do Limão, município de São Gonçalo. E que ele era preguiçoso. Preste atenção. E os ladrões quando dava castigo ele corria p'ra casa de um daqueles. E tinha fazendeiros aqui, ricos, senhores ricos...quer dizer era pouca gente que era rico. Então fez amizade com ele. No fim ele acabou morando com um padre. Mas tinha amizade com esse povo todo. Tinha sua amizade lá. E a feira foi crescendo, foi crescendo e pegou vindo boiadas de Minas e de todo canto, e diziam que Lucas roubava p'ra dar a essas pessoas. Cujas pessoas uma delas era da família dos (*) de São Gonçalo. Ricão. Que disse que Lucas roubava p'ra ele. A Feira era muito pequena. Tinha um pau que ele subia em cima, desse que chamava pau de Lucas. Então ele via todo o movimento da Feira de Santana de lá. Então esse Lucas ficou famoso. Muitos boiadeiros de Minas Gerais, tinha medo de vim aqui porque existia esse Lucas perigoso. E esse Lucas não roubava p'ra ele. Ele era um negro ignorante, analfabeto, não sabia nem o que é dinheiro. Então que ele roubava p'ra os amigos dele.

Um certo dia, um mineiro vendeu uma boiada. E disse: “o que que eu faço p'ra guardar esse dinheiro que tem um Lucas perigoso aqui na Feira de Santana?” O Lucas parece que ficava escondido, que tinha aqueles amigos, ele era um sujeito ignorante que não roubava p'ra ele, roubava p'ros amigos. Era um abestalhado, pior do que esses meninos que roba hoje. Esses meninos que roba hoje é que é perigoso, não era Lucas, não. Lucas não era perigoso assim não. Um desses ricos, comprou a boiada. Ele disse: “sabe o que é que você faz? Coloca na bota esquerda que ele não vai descobrir. Você diz que não tem nada”. Aí o mineiro botou na bota e seguiu viagem. Porque naquele tempo se viajava a pé ou de cavalo. Os negros que traziam os bois, chamava “salta moita”. Chamava salta moita porque vinha trazendo a pé. Levava vinte e tantos dias de Minas p'ra cá, porque vinha a pé devagarzinho, devagarzinho, devagarzinho, até chegar aqui. Aí Lucas ficou na beira do ri Jacuípe. Saiu e ficou esperando. Quando o mineiro vai

* Não nos foi autorizado citar o sobrenome.

passando ele disse: “Entrega o dinheiro que tem patrão!” Ele disse: “Eu não tenho nada” Lucas disse: “Então me dê esse pé de bota aí.” Quando puxou tava o dinheiro dentro. Então era assim que Lucas procedia. A Feira naquele tempo não tinha luz, porque eu já tô com 93 anos. Então não tinha luz, não tinha nada. A Feira,...o senhor sabe o que quer dizer Tomba?

J: Tomba? O senhor tá se referindo ao bairro aqui?

D. P: Não, porque tem um bairro chamado Tomba. Mas você sabe por que é que chama Tomba?

J: Não.

D. P: É que tinha um trem e tinha um tobo lá em cima. Quando ele precisava sair arrojado senão vol...Tinha um tobo, tinha um alto lá em cima. O trem ou vinha em toda a velocidade p’ra passar ou tornava a voltar. Aí botaram o nome de Tomba. O trem ou vinha com toda a partida, ou senão não subia, tornava a voltar p’ra trás. Os meninos pongava no trem porque sabia que ele voltava e os meninos ficava brincando, sabe como é? Sim. Então o Lucas roubou muita gente. Mas, esse mineiro disse: “Aquele negócio tinha gente escutano.” Não podia ser de outra forma, no quarto vizinho ouvindo tudo. E era assim mermo que ele agia. Com os outros amigos que ele ajudava fazia a merma coisa. Escutano os negócios que era p’ra tomar o dinheiro mais adiante.

Aí o mineiro veio de lá (bate palmas), bateu palma. Saiu a mulher do cara. Ele disse: “Cadê seu marido? Chame ele aí”. Aí chamou e ele veio, meteu a arma em cima e disse: “Olhe negócio tinha gente escutando. Dê um jeito de você entregar meu dinheiro”. Aí ele ficou tremeno, tremeno, tremeno, o tal fazendeiro. Ele disse:”Mande buscar meu dinheiro”. Aí fulano disse: “Mulher, abra esse cofre aí. Panhe esse dinheiro aí!” Quando trouxe. O mesmo pacote que tinha dado. Aí ficou afamado no mundo todo. O moleque já ficava com medo de vim vender gado aqui. Porque tinha esse Lucas que atacava. Naquele tempo não existia ladrões. Ladrão tem é hoje. Tem menino aí que se você paga quinhentos cruzeiro p’ra ele matar, ele mata o sujeito dende casa.

Lucas foi morar com um padre. O padre deu um patuá a ele. Não sabe o que é patuá não. Uma reza lá que ele não morreria de tiro, que tiro nenhum atingia ele. E ele usava esse patuá no pescoço. Lucas. Usava esse patuá no pescoço. Então não pegava bala. Se o sujeito atirasse não pegava bala nele. Por causo desse padre que deu a ele esse crucifixo, colocou a capanguinha, colocou aqueles dizeres como o padre fez. Disse que ele não morria de tiro. Ele tinha um compadre chamado Cazumbá. Esse compadre andava com ele. Como amigo, mas traidor. Um dia, uma moça foi no tanque buscar água p’ra beber, e Lucas tava lá, tentou forçar ela não pode, pregou ela num pé de mandacaru. No outro dia que foram lá ver, encontraram a moça morta, cheia de passarinhos, tudo em cima dela. Cheia de passarinho por cima dela, que meu avô me contava. De outra vez o compadre Cazumbá, foi tomar banho com Lucas. Nesse mesmo tanque que matou a moça. E quando ele foi tomar banho, tirou o patuá, botou do lado de fora p’ra não molhar. E Cazumbá compadre dele, traiu ele, atirou nele. Atirou nele,

ele ficou doente, foi como pegaram ele. Esse homem correu o mundo todo como o maior ladrão do mundo. Quando voltou a sentença dele foi ser enforcado. Então, no Campo do Gado, tinham uns pés de gameleira, no Campo do Gado antigo. Fica lá no meio da rua, de junto da casa de Dr. Eduardo, era o Campo do Gado aberto. E tinha três pés de gameleira. Botou-se a primeira corda no pescoço dele. E o carrasco foi p'ra empurrar. Na hora ele disse: "Pare lá!" Nesse pare lá o carrasco caiu e quebrou a perna. Ele ficou com medo. Ele ainda tava atano a corda.

Sim. Vou lhe contar outra coisa primeiro. Primeiro foi a confissão dele. Perguntaram quem era o povo, os amigos p'ra quem ele roubava. Ele disse isso: "Eu não digo meus amigos, nem me convém eu dizer, eu por me ver perdido, não boto meus amigos a perder." Aí ele subiu p'ra forca, entrou outro carrasco, empurrou ele e aí findou. Ele foi enterrado no Campo do Gado. Que até uns 20 anos tava um túmulo dele com uma cruz, confronte ao armazém de Teodorico José Alves. Tinham dois pés de cajaeira, levou muitos anos o túmulo dele na rua, lá no Campo do Gado. Confronte ao armazém de Teodorico. Naquele tempo não havia armazém nem nada. Findou ai no confesso dele.

J: O senhor tem alguma religião?

D. P: Olhe. Eu me batizei no católico. Mas eu sou simpatizante dos crentes (Pentecostais).

J: Pratica algum esporte ou já praticou?

D. P: O esporte que eu gostava eram dois. O primeiro era dançar. Agora eu tinha um vício. Sempre gostei de uma briga de galo. Eu era dançarino, eles diziam que a gente era dançarino porque eu gostava de me arrumar bem, dançava na Euterpe e na 25 de março. Aqui em Feira era como uma família. Se aparecesse um ladrão, até mulher corria atrás p'ra pegar. Aqui é como se fosse uma família. O sujeito quando roubava era uma roupa estendida no corador, numa venda era um pedaço de carne cortado que o sujeito encontrava no balcão e jogava no bocapio. Então os amigos falavam os lugares onde tinha festa. Olha, vai ter uma festa no Tomba, no Sobradinho. Aí quando a gente chegava, era uma alegria. Vocês por aqui! E nós íamos a pé. E antigamente as festas eram de porta aberta. O sujeito entrava: São João passou por aí? Aí o dono da casa respondia: Passou! Aí entrava comia uma coisa, palestrava. Depois ia pra outro lugar. São João passou por aí?! E assim ia. E não se preocupavam com nada. Se alguém perguntasse onde é que fulano mora? Mora nos Olhos D'água, mora no Sobradinho. A gente sabia onde todo mundo morava.

J: E o senhor comparecia a algum lugar onde botavam galos para brigar?

D. P: Eu tive galos de briga por 65 anos. Depois que foi chegando a idade eu não tinha mais como tratar os animais e acabei. Mas aqui em Feira tinha as rinhas de Galeto dos Olhos D'água, em Santo Antonio dos Prazeres tinha Donga, tinha Henrique Rios que era descendente de estrangeiro, Matias de Francolino também tinha rinha. Os galos eram estuchados várias vezes antes de botar p'ra brigar. Quando a musculatura e a pele

do pescoço engrossar, está pronto. Precisa ser treinado e depois é que vai p'ra briga. Era um jogo como outro qualquer. Então um dia se ganhava, no outro perdia. Ademar de Barros que foi governador de São Paulo tinha vários galos de briga. Então Jânio Quadros que era um cachaceiro inimigo dele, botou a lei proibindo a briga de galos. Galos caríssimos que vinham do exterior, galos mexicanos, ingleses, que vinham como ovos ainda na encubação nos vapores, ou já vinham treinados. Haviam tratadores que nós dávamos uns trocados para lavar o galo, cuidar dos ferimentos, as vezes levavam pancada nos olhos que precisava extirpar a pálpebra inferior. Eu cansei de fazer meu aniversário na rinha. Pagava duas caixas de cerveja, um litro de uisky e fazia ali mesmo. Porque meu esporte era dança e briga de galo.

J: Fale um pouco de sua venda.

D. P: Bom. O cliente pedia vinte centavo de alho, vinte centavo de cebola, vinte centavo de azeite. Com esse dinheiro você comprava cinco coisas e não sobrava lucro, o lucro era o mínimo, era quase nada p'ra o comerciante. Ele levava dez anos negociando assim, ó, como caranguejo, p'ra lá e p'ra cá. E tinha gente que tava comerciante, mas vivia assim. Tomava dinheiro a um, tomava dinheiro a outro, p'ra poder se guentiar no comércio, mas não fazia nada, só p'ra ter o nome de comerciante ele tomava um dinheiro emprestado p'ra cobrir aqui, tomava dinheiro emprestado p'ra cobrir outro. Era assim.

J: Quis as pessoas que o senhor credita maior responsabilidade pelo que hoje o senhor é?

D. P: Olha eu toda vida trabalhei com meu tio. Ele era comerciante tinha padaria. Então eu me coloquei no comércio. Daí, eu fui empregado de João Marinho Falcão, fui empregado de Antonio Caribé, fui empregado de Claudio Sarkis uns tempo. Depois disso eu arranjei um cobrezinho botei um molhadozinho. Vendendo carne, açúcar, feijão, naquele tempo se chamava venda. Naquele tempo não tinha supermercado. Eu já tive três vendas. Três casas comerciais. E depois disso, foi chegando os tempos eu me aposentei. Eu tinha duas casas lá na feira da madeira, comprei por oitocentos cruzeiro o terreno, levei trinta anos p'ra fazer a casa porque o que eu ganhava era pouco, mas ia comprando uma telhazinha, botando lá, botando um negócio. Fiz uma casa comercial e a casa de morar pegada. E aí vendi, botei na poupança quando tava dando 85%, aí o dinheiro cresceu mais. Quando estourou a inflação com Sarney, ele acabou. A gente ficou todo mundo na Feira com o dinheiro na mão procurando como empregar. Então eu comprei esse terreno e fiz a casa. O restinho eu botei na poupança, com esse Real que ficou quase nada e só consegui me aposentar, com a aposentadoria dos velhos. Porque tinha um senhor que me chamava: Divaldo, já tá no tempo de se aposentar. Eu nem ligava p'ra aquilo. Quando eu vi a coisa apertar foi que eu procurei. Vim me aposentar com setenta e tantos anos. Peguei essa aposentadoria pouca. Eu tinha direito porque era comerciante. Eu trabalhava para Marinho & Santos, então a casa queimou. Os arquivos tudo se acabou. Eu tinha uma malazinha que guardava todo recibo do instituto. A

mulher viu a mala que era velha e queimou a mala sem ver. Ficou eu, o que é que faço p'ra me aposentar? Fui obrigado me aposentar com o salário mínimo.

J: O senhor já teve alguma fazenda?

D. P: Eu nunca tive fazenda. Meu povo era nobre, mas não eram ricos. Os Portugais são os fundadores da Feira, são os primordiais que devem ter vindo de Portugal. Sou descendente de português.

J: Me conte um pouco sobre a Feira de Santana que o senhor conheceu.

D. P: Eu conheci a Feira de Santana com Rua de Aurora, Rua Senhor dos Passos que é a rua mais torta da Feira.

J: Rua Senhor dos Passos?!

D. P: Senhor dos Passos que tem aquela Igreja. Não tem junto da Prefeitura aquela igrejazinha? Olha, só tinha a rua de Aurora, a rua de Senhor dos Passos, rua Direita que é a mais torta do mundo. E Marechal Deodoro. E a Praça do Comércio que chamava (*), que era morador aqui também, era descendente desse povo de São Gonçalo que era intermediário de Lucas, entendeu? (*) era desses ricos de São Gonçalo, que eram todos rico. Da família (*) de São Gonçalo. Naquele tempo os coronéis comprava patente. Então botaram o nome da praça (*), gente de São Gonçalo.

J: Então a que o senhor atribui a rua Direita ser tão torta?

D. P: É porque naquele tempo, era feito quase tudo a olho. Não tinha engenheiro nem nada, não tinha banco nem nada, o pessoal que tinha um dinheirinho, cavava um buraco assim, enterrava , tirava um tijolo assim, botava o dinheirinho guardado ali, fechava o tijolo, ficava escondido. Os ladrão corria, dende casa se por acaso eles viesse não encontrava nada.Eles guardavam o dinheirinho enterrado.

J: E as chácaras aqui em Feira de Santana?

D. P: Pera aí. Eu vou contar uma coisa. Na Pampalona (bairro), tem um lugar chamado Baixa das Cana. E tem uma fazenda chamada Monte Rolo. Então tinha uma mulher casada com João de Nenéo que foi morar lá. Dizia-se que quando Lucas queria refurgiar, que ia p'ra aquela fazenda. E ela só andava sonhando que naquele quarto tinha uma coisa p'ra ela. E um espírito vivia chamando e deu. Um dia ela cavou e tirou um bocado de Libra Estarlina de ouro puro. O povo sabe, porque ela andou fazendo compras no comércio e pagava com Libra Esterlina. Diziam que quando Lucas queria se

* Nome que o depoente não permitiu declinar.

* Idem.

* Idem.

* Idem.

esconder ia p'ra lá e essas Libra Esterlina só podia ser dele. Ela teve o sonho e encontrou um potezinho, quando ela cavou mesmo, encontrou. Ela era mulher de João de Nenéo, o nome dela eu não sei.

J: Sim. Mas vamos voltar p'ra cidade. Onde era o limite da cidade?

D. P: Era da rua Direita ia até no Sobradinho (bairro na zona norte). Do outro lado ia até no Tomba (bairro da Zona Sul). Lá não tinha quase morada nenhuma. Tinha a rua de Aurora que era a primeira. Tinha a rua Direita, a rua Marechal Deodoro e a rua Senhor dos Passos. Da rua Senhor dos Passos p'ra lá (para o leste), não tinha nada. Tinha chácaras. Tinha na Avenida Getúlio Vargas que abriu, uma fábrica de vinho de jurubeba de Paulo Costa Lima. Só o que tinha era essa fábrica. E do Correio p'ra lá só tinha essa fábrica. E de junto dessa fábrica morava Gilberto Costa tinha uma chacarazinha aí. Quando Getúlio abriu essa rua, o pessoal saía de Santa Bárbara, suponhamos, de manhã cedo com os caixões de ovos p'ra vender e tudo, mas andavam a pés e não tinha estrada não. Tinham veredas. Tinham umas estradinhas. Depois que Getúlio abriu o trânsito que essa foi a artéria que o Brasil todo descobriu. Aí gente chegava de Minas, o mineiro se assustava: “Baiano, salva a mão por engano!” (riso). E esses boi quando vinha era com aqueles tangedor. Uns montado a cavalo com aquela paciência, os boi pegava uma folha aqui nos caminho, ele esperava, e chegava até aqui. Não maltratava tanto por isso. Agora criaram os transporte que hoje vai buscar o boi na porta. Mas era tangido como rebanho. Como aquele povo do deserto, com aquela paciência. Teve um caso interessante que aconteceu quando Rui Barbosa veio na Feira. Rui Barbosa tava discursando na Matriz. E na Rua de Aurora morava um sujeito de nome Macário que tinha uma bodega e tinha um defeito nas costas. Era meio corcunda. Na rua de Aurora morava também a família Fadigas e Zé Romão que tinha um barriga enorme. Quando Rui Barbosa discursava usou a expressão “cor no rosto”, que o pessoal confundiu com “corno rosto”. E serviu de censura. Depois de terminado o discurso todos aplaudiram e alguns que diziam apoiado, enquanto Macário berrava “não apoiado, não apoiado”. E o povo deu tapão, pontapé, empurrão, jogaram casca de jaca nele. Ficou bom tempo sem sair de casa com receio do povo. Ele era um velho respeitado, casado com uma senhora chamada Maçu. Aí surgiu uns versos:

Lá na Matriz onde passa almofadinha

Macário adiantado recebeu sua galinha

Lá na rua de Aurora, já se come arroz com pão

A giba de Macário tá na barriga de Zé Romão.

Não sou baú, não sou baú, p'ra ter pena de Maçu.

Zé Romão tinha barriga grande e Macário era corcunda que na época o povo chamava giba (o camelo).

J: Agora, o senhor me falou aí das filarmônicas que existiam aqui em Feira de Santana. O senhor frequentava alguma?

D. P: Frequentava. Eu era dançarino. Eu era empregado de Marinho & Santos. Os outros empregados, só usavam roupinha mescla. Porque eles vieram de fora, pagavam hotel. E eu era daqui, não fazia essa despesa de hotel, então eu comprava uma roupa melhor. Seu Hermínio que era sócio de João Marinho, quando morria uma pessoa conhecido dele, ele me chamava porque sabia que eu tinha uma roupinha melhor. Seu Divaldo, carro mortuário, carro mortuário. Aí mandava eu ir no enterro de seu fulano de tal e dizer que fui ele que mandou. Porque eu sempre tinha uma roupinha melhor.

J: Mas, como era o nome todo do senhor Hermínio?

D. P: Era Hermínio Santos. Era sócio de seu João Marinho. Era sócio dos lucros. Seu Hermínio era o capitalista. Depois eles ficaram tudo. Olhe, seu João tinha fazenda, comprou a Usina de açúcar a prestação, ficou pagano, todo ano fazia retirada p'ra essas coisa. E seu Hermínio levou quarenta anos sem fazer retirada da casa. E era o capitalista da casa. Era o dono. João Marinho entrou com o trabalho. João Marinho já trabalhou com o tio dele. Era muito hábil, sabia tratar ele, então Hermínio tinha o dinheiro, mas era ignorante, portanto entrou como sócio nos lucros. Terminou, quando seu Hermínio com trinta ou quarenta anos que nunca fez retirada na firma. O estoque, a casa tudo era dele. Seu Hermínio tirou quatro mil contos p'ra fazer o prédio da Euterpe.

J: Então aquele prédio da Euterpe se deve a seu Hermínio?

D. P: Tudo era ele. Bom, João Marinho foi sabido. Deu o filho dele p'ra seu Hermínio batizar, que é Dr. João, casado com a filha de Noronha, era dono de duas bodegas em Salvador. Dr. João era advogado. Então seu João não era o capitalista. O capitalista era seu Hermínio. Eu nem falo isso, porque é da família daqui. Antigamente quando João Marinho tava vivo, se o sujeito soubesse que tava falando, dava uma bofetada e dizia: “Dê uma bofetada num sujeito que tava falando de Vossa Senhoria”. Ele dizia: “Muito bem. Fique aí”. Então naquele tempo o moleque temia as coisas. Puxava o saco p'ra quem tinha o dinheiro. Só chamava “meu patrão”, “meu amo”, sabe como é?

J: O senhor tá querendo me dizer que quem trabalhava na Marinho & Santos tinha acesso livre à Euterpe?

D. P: Não sei, porque seu Hermínio fez uma carteira p'ro Tênis. Olha aqui seu Divaldo, sua carteirinha. Eu era associado do Tênis, dançava lá e tudo. Agora os outros eu não sei. Eu sei que eu dançava em todas as festas que tinham aqui. E esses clubes, Vitória, Vinte e Cinco, Euterpe, tinha cada um, um apaixonado, torcia por um. Chegavam a dizer assim: “A Vitória na sala, a Vinte e Cinco no corredor e a Euterpe com o pé no cocô.” Os colegas para ferrar com o outro. Pilhéria, não sabe? Mas, tinha política nessas festas, cada um que era Vitória. As festas da Matriz era 13 noites. Tocava a Vitória, tacava a Vinte e Cinco, tocava a Euterpe. Cada dia era dia de uma, até a procissão que era o último dia que acabava a festa. No último dia da festa, tinha a procissão em roda da Feira de Santana quando recolhia, recolhia na Matriz da Igreja. E tinha tocata a noite toda. O povo pulano, dançano, saltano. E tinha barracas p'ra tudo que era canto.

Acabou! De uns anos p'ra cá quiseram até matar gente lá, brigar com o outro. Aí o padre acabou.

J: O senhor lembra se havia algum curador ou mulher que participava da procissão?

D. P: Havia. Disse que tinha uma Fiinha, lá de junto da Lagoa de São Vicente (distrito de Tiquaruçu) que morava lá. Que era a curandeira melhor que tinha na Feira de Santana. Existiam várias, mas, via falar muito nessa Fiinha que era afamada. Diziam que ela era boa curandeira. Agora eu não sei, porque nunca fui lá.

J: Aí o senhor tá me dizendo que havia um envolvimento político no desfile dessas filarmônicas?

D. P: Havia. Tinha vezes que havia trocas de idéias assim que um se desentendia com o outro que dizia que sua filarmônica fosse a melhor e isso e aquilo. Discussões, sabe como é?

J: O que o senhor lembra da Segunda Guerra? Vamos falar um pouquinho da Segunda Guerra.

D. P: O que eu me lembro da Segunda Guerra é o seguinte. Eu fui convocado, eu era empregado de Marinho & Santos. Aí tava no quartel. Mas, os outros tudo recebero farda. E não recebi, porque eu fui por último lá, não sabe como é? Eu fiquei lá sem farda. Porque eu era empregado de João Marinho e ele não gostava de deixar empregado...quando eu voltei, do Exército quase que ele me mandava embora! Quando chegava os dias de trabalho lá que eu ia ele ficava com a cara fechada.

J: Mas, onde era esse quartel do Exército?

D. P: Esse quartel, tem Brasinha no asfalto aí direto. Lá em baixo passano o Hospital Santana.

J: A Casa de Saúde Santana. É o Posto Brasinha então?

D. P: É o Posto Brasinha! Na esquina tinha um armazém que ia como daqui...um armazém enorme. Que tinha aqueles terreno todo que foi Dr. Eduardo...Começava de junto da casa que Dr. Eduardo fez, era a última casa pegado com a casa, p'ra cá e ia até Brasinha. Era um armazém de fumo.

J: Ah, de Dr. Eduardo Fróes da Motta.

D. P: O terreno com a casa era de Dr. Eduardo. Dr. Eduardo era dono de todos terreno da Feira. Ele dizia que brevemente, pobre ia morar nos inferno. Porque os terreno tudo tava na mão dele. Ele era um homem que ninguém sabe como ele conseguiu. Era bilionário. O velho Agostinho, pai de Eduardo, botou o filho p'ra estudar na Europa. E Dr. Eduardo arranjou casamento com uma estrangeira, ele tem o cabelo crespo, mas é casado com uma loura dos olhos azuis. Casou-se com uma italiana. Dr. Eduardo botou o

nome do filho, o mesmo nome do avô Agostinho. Teve 42 fazenda. Em todo canto ele comprava fazenda. Comprava até sem olhar. No município de Feira, tinha fazenda até no Ponto Central (bairro) aqui. Ele dizia assim: “Pobre, bebe, mente...” Na rua direita onde tem aquele prédio que já foi a Escola Normal, tinha o Horto Agrícola. Desse horto até quase na beira do rio tudo era dele. Tudo era de Dr. Eduardo. Ele possuía quase a Feira toda. Uma casa naquele tempo era trezentos cruzeiros. Ele comprava com duzentos, uma casa. Aqui não tinha casa nenhuma que prestasse, nem sobrado. Só tinha a casa da torre que fica ali na Senhor dos Passos. De Dr. Eduardo. Só se falava na casa de Dr. Eduardo.

J: O senhor me falou que estudou até a 5ª série. Que colégios existiam em Feira de Santana, nessa época?

D. P: Era o João Florêncio que eu estudei nele, Escola Maria Quitéria que era das mulheres, Ginásio Santanópolis que foi de Dr. Áureo Filho, Escola Normal. Tirando o Santanópolis, tudo isso foi doação do Dr. Eduardo Fróes da Mota. A gente chamava o Ginásio Santanópolis, era Dr. Áureo o administrador. Ah, o administrador não, o dono que era particular.

J: E a polícia. Tinha quartel da polícia aqui?

D. P: Tinha. Eu não gosto nem de recordar que dá vontade de rir. Aqui tinha quartel, era a sede da polícia, onde hoje é a Câmara de Vereadores. Ali era a Cadeia Pública. Só tinha um soldado naquele meu tempo. Sabe o que os coronel fazia? Quando vinham três...soldado não valia nada. Quem quiser que fosse falar com eles que não valia nada. Quando você tinha um filho ruim que não dava p’ra nada botava lá dentro. O pai as vez excomungava. Porque ele dizia que se o pai e a mãe dele errasse, metia na cadeia. Quando você tinha um filho que não dava p’ra nada, ou mandava p’ra Marinha, ou botava na Polícia. Era Marinha e Polícia. O soldado levava uma pessoa preso, os coronel que tava assim: “Psiu! porque tá levando ele preso?” Ah! porque ele...”Ora vá, solte o homem que eu vou me entender com o delegado”. Era assim. Coronel de patente fazia isso aí! Quem tinha valor soltava qualquer um assim. Se tivessem razões profundas, não. Mas, se fosse por um barulho ou coisa atoa, tomava no mei da rua do soldado.

J: O senhor me falou aí sobre os Correios. Que tinha os Correios na Getúlio Vargas.

D. P: Olha! Primeiramente, existia um Correio numa casa comum. Não tinha banco, não tinha nada. Numa casa comum, tinha o Correio. Aí agora depois fizeram aquele na Senhor dos Passos, lá embaixo, lá na feira. De lá p’ra cá (lado Leste), só tinha a fábrica de jurubeba e a roça de Gilberto Costa era mato tudo de sumir toda a vida.

J: O senhor me disse que quem era o proprietário da fábrica? Que fábrica era?

D. P: Era a fábrica de jurubeba, Leão do Norte. O proprietário era Paulo Costa Lima.

J: O senhor se lembra de períodos de maior dificuldade em Feira de Santana?

D. P: A Feira, o povo era muito pobre. Moravam em casinhas. A vida era muito difícil. O sujeito quando queria se pegar, procurava trabalho no comércio, as casas era pouca, não tinha aonde se empregar, aí uns se deslocava p'ra Salvador, as mães choravam “Ai que nunca mais vou ver meu filho”. Outros se deslocava p'ra o Rio de Janeiro: “Bênça minha mãe! Ah, meu filho! Eu sei que nunca mais lhe vejo!” Tinha poucas casas comerciais p'ra empregar gente. O povo daqui, quem era mais pobre que não arranjava emprego, ia p'ra São Paulo, p'ra Salvador. E nem construíam tanto como tão construíno agora.

J: Onde era jogado o lixo de Feira de Santana?

D. P: Chamava Bagatela. Era um buracão...a chácara de Gilberto Costa aqui, a fábrica de jurubeba Leão do Norte assim, e aí na largura da rua tinha um buracão ali, onde o povo jogava o lixo.

J: Bem seu Divaldo. Eu já me dei por satisfeito. Muito obrigado.

D. P: Disponha.